

IMAGENS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: A COLEÇÃO FOTOGRÁFICA DO ACERVO HISTÓRICO DA ALM

BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER¹; NATHALIA LIMA ESTEVAM²; GEORGE MARINO SOARES GONÇALVES³; GUILHERME KRUGUER BARTELS⁴; LUKAS DOS SANTOS BOEIRA⁵; GILBERTO LOGUERCIO COLLARES⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – bethaniawerner@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nathaliaestevam1@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – george.marino.goncalves@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – guilhermehartels@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – lukasdossantosboeira@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – gilbertocollares@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Inseridos tanto em salas de pesquisa quanto em acervos, os historiadores trabalham, cada vez mais, com os mais diversos tipos de fontes. Observando a evolução da historiografia ao longo dos séculos XIX e XX, pode-se perceber o amadurecimento das metodologias e análises, não somente de fontes manuscritas, consideradas através da influência positivista “[...] como base para a determinação da verdade sobre o passado” (MIRANDA, 2012, p. 900), mas também daquelas que se tornam objeto de estudo da História, destacadamente a partir da expansão da Escola dos Annales (BURKE, 1997).

A partir da expansão das influências da historiografia francesa através dos Annales em uma perspectiva global, ao trabalho dos profissionais de História foram impostos novos desafios e, dentre esses, está a utilização das imagens enquanto fonte para a escrita da História. Assim como na análise de fontes manuscritas, “as armadilhas de um documento audiovisual ou musical podem ser da mesma natureza das de um texto escrito” (NAPOLITANO, 2011, p. 239), como também é destacado pelo historiador Roger Chartier quando o autor fala sobre a falsa transparência de “conteúdo”:

A imagem é, para o historiador, ao mesmo tempo, transmissora de mensagens enunciadas claramente, que visam seduzir e convencer, e tradutora, a despeito de si mesma, de convenções partilhadas que permitem que ela seja compreendida, recebida, decifrável. (CHARTIER *apud* NAPOLITANO, 2011, p. 239).

Dessa maneira, ao trabalho dos profissionais de História faz-se necessária a busca pela compreensão de, no mínimo, dois contextos: o de produção do seu objeto de análise e o do local de conservação e salvaguarda desse material, considerando neste último que “um arquivo permanente não se constrói por acaso” (BELLOTTO, 2006, p. 27). Nesse sentido, levando em conta as questões referentes à escolhas e políticas de preservação, também é importante que “[...] o historiador procure compreender questões relacionadas a esse acervo, ou seja, a história administrativa da instituição que o produziu” (MIRANDA, 2012, p. 904).

Assim, partindo dessas concepções iniciais, o presente trabalho se apresenta em duas frentes: refletir sobre o uso das fotografias enquanto fontes para o estudo da História e divulgar os espaços de pesquisa e preservação das mesmas, especificamente a coleção fotográfica que compõe o acervo da Agência para o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim (ALM), na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). À vista disso, também serão apresentadas brevemente

algumas das atividades que foram - e que estão sendo - desenvolvidas na organização do acervo.

2. METODOLOGIA

O acervo histórico da Agência para o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim é formado por diferentes tipos documentais, apresentando fontes para pesquisa em diferentes suportes¹. Além de mapas, livros, plantas, processos judiciais, atas de reuniões, correspondências e diapositivos, o acervo conta com uma coleção de fotografias. O conceito de coleção será aqui utilizado considerando que:

Ao contrastar fundo e coleção, foi observado que “o primeiro é o resultado de um processo natural, o produto de atividades claramente definidas, enquanto que a última é uma construção artificial, uma criação arbitrária, frequentemente fruto do acaso” (COUTURE; ROUSSEAU 1987, p. 161). (COOK, 2017, p. 17)

A partir disso, consideremos a estrutura de organização desses documentos. As fotografias estão dispostas em um total de 9 caixas e divididas em 19 séries², sendo elas, respectivamente: 1) Barragem do Canal São Gonçalo e sua Eclusa, 2) Centurião, 3) Prédios, 4) Santa Vitória do Palmar, 5) SUDESUL, 6) Chasqueiro, 7) CLM, 8) Açudagem, 9) Sem Identificação, 10) Rincão dos Maia, 11) Jaguarão, 12) Rio Piratini, 13) Taim, 14) Camping Olho d'água, 15) Pelotas, 16) São Lourenço do Sul, 17) Barragem Santa Bárbara, 18) UFPEL; 19) Diversos. Em cada uma dessas séries há a fragmentação interna em subséries e, posteriormente, a catalogação do número do envelope de cada uma, a quantidade de fotografias, a data e observações (caso haja). Essas informações estarão dispostas em uma plataforma de disposição e organização de dados a qual, posteriormente, quando da organização completa do acervo, deverá estar disponibilizada para acesso público nas plataformas de mídia da Agência para o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim - ALM.

Além da organização digital das informações, a organização física também foi realizada conjuntamente com a higienização individual de cada uma das fotografias, seguindo as diretrizes da Cartilha de Higienização e Organização de Documentos do CPDOC/NDA (2012/2014). Ressalta-se ainda, durante o processo de organização desse material, a dificuldade no encontro de informações que possibilitassem sua ordenação de maneira coerente e facilitada. Nesse sentido, os desafios se apresentam tanto na organização para preservação do material quanto na utilização do mesmo para análises e pesquisas, reforçando a importância do trabalho interdisciplinar e metodológico-científico no campo da História.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda que postos os desafios acima descritos, a organização e a catalogação da coleção fotográfica foram realizadas por completo durante o

¹ Material no qual são registradas as informações. (Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, 2005, p. 159).

² Subdivisão do quadro de arranjo que corresponde a uma sequência de documentos relativos a uma mesma função, atividade, tipo documental tipo documental tipo documental ou assunto. (Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, 2005, p. 153)

primeiro semestre de 2022. A partir da realização desse processo, portanto, é possível relacionar o conjunto de fotografias ao seu local de salvaguarda, à história da(s) instituição(ões) que o compõem e, ainda, relacioná-lo com outros tipos de fontes, cruzando informações. À exemplo disso estão as fotografias referentes à extinta Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL).

Enquanto uma das instituições que originaram vários dos documentos que atualmente compõem o acervo em questão, a SUDESUL e suas fotografias permitem ao pesquisador uma análise tanto individual da coleção fotográfica - buscando compreender os eventos ali registrados - quanto do desenvolvimento da instituição, a qual constitui parte da história da atual Agência para o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim. Alguns dos exemplos, nesse caso, são fotografias de reuniões administrativas, registros de encontros binacionais (Brasil e Uruguai) (FIGURA 1), de ciclos de conferências, dos Programas de Desenvolvimento de Comunidades (envolvendo as cidades de Canguçu, Jaguarão, Bagé, Piratini e Pinheiro Machado, destacadamente), entre outros.

FIGURA 1 – Encontro dos presidentes: Brasil e Uruguai (Riveira – Livramento) – 12 de junho de 1975



Fonte: Acervo da Agência para o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim.

Ou seja, além da observação dos aspectos mais concretos que foram ali preservados pelas fotografias - o efetivo acontecimento de determinado evento, por exemplo - o conhecimento sobre a história da instituição também permite “identificar as funções que esta exercia, as transformações em sua estrutura [...]” e, por conta disso, “também permite identificar lacunas e inclusões, mudanças nas tipologias documentais e a temporalidade do processo de produção documental” (MIRANDA, 2012, p. 904-905).

Por conta disso, se colocadas em uma perspectiva mais ampla em relação ao acervo onde se localizam, as fotografias da SUDESUL, nesse exemplo, dialogam com os demais materiais que estão sendo - ou já foram - catalogados sobre a instituição, como livros e documentos de sua administração interna, possibilitando o cruzamento para melhores análises das fontes. Dessa maneira, ressalta-se que, assim como destaca o historiador Marcos Napolitano:

Nem suportes adicionais das fontes escritas, nem autenticação da realidade imediata, nem ilustração de contextos, as fontes audiovisuais constituem um campo próprio e desafiador, que nos fazem redimensionar a permanente tensão entre evidência e representação da realidade passada, cerne do trabalho historiográfico. (NAPOLITANO, 2011, p. 288)

4. CONCLUSÕES

Com base na breve apresentação acima de um dos conjuntos documentais presentes no acervo histórico da ALM, bem como suas possibilidades para a pesquisa, este trabalho busca colaborar nas discussões sobre a importância das imagens no campo da história e na potencialidade das mesmas para o estudo e a compreensão das formações sociais de regiões específicas. Sendo assim, os esforços pela preservação e divulgação dessas fontes colaboram na valorização dessas histórias e desses agentes.

Ainda que o processo de organização e catalogação dos documentos do acervo esteja em andamento, os diferentes materiais que o compõem se apresentam enquanto importantes para a escrita da história da região, das pessoas e das instituições que fazem parte dessa trajetória. Nesse sentido, além das reflexões acima, este trabalho se apoia na efetivação da etapa de referência em relação aos arquivos permanentes (PAES, 2004, p. 146), visando facilitar o uso e o acesso a esses documentos tanto por pesquisadores quanto pelo público em geral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL. (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. [Publicações técnicas nº 51]. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: Tratamento documental**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da historiografia**. [tradução Nilo Odalia] São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ESCOLA PARA FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL DA FUNDAÇÃO CASA – SP. **Conservação de documentos: Higienização e Organização**. CPFOC/NDA, 2012/2014.

COOK, T. **O conceito de fundo arquivístico: teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial** [recurso eletrônico] / Tradução de Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2017.

MIRANDA, M. E. Os arquivos e o ofício do historiador. In: **XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA RS: história, memória e patrimônio**. Rio Grande, 2012. Anais eletrônicos. 23 a 27 de julho de 2012, p. 900-911.

NAPOLITANO, M. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 235-289.

PAES, M. L. **Arquivo: teoria e prática**. 3ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.